

FHC diz esperar de Jospin revisão de obstáculos

Para o presidente, protecionismo europeu levou País a privilegiar negociação da Alca

REALI JÚNIOR

BRASÍLIA - As negociações entre o Mercosul e a União Européia, UE, caminharam em ritmo insuficiente. Resultado: os europeus acabaram perdendo espaço em relação à Alca. Essa é a avaliação do presidente Fernando Henrique Cardoso, que defendeu relações equilibradas entre os blocos econômicos representados pelos Estados Unidos e Europa, no momento da chegada a Brasília do primeiro-ministro da França, Lionel Jospin.

O presidente brasileiro espera o fim dos obstáculos franceses na área agrícola, convencido de que chegou o momento de a Europa discutir mudanças de políticas para o setor, apesar das crises da febre aftosa e da vaca louca. "Nós sempre entendemos que era preciso ter paciência, mas acho que não somos nós que estamos perdendo a paciência, mas sim os outros parceiros da França", analisa o presidente. Sobre a Alca, FHC insiste que a antecipação dos prazos só poderia ocorrer se Bush obtivesse no Congresso o "fast-track", agora chamado de "autoridade para a promoção comercial". A seguir, trechos da entrevista.

Estado - O Senhor esteve com o presidente Bush e agora vai encontrar o primeiro ministro Lionel Jospin, ambos representando interesses de grandes blocos econômicos. Coincidência?

FHC - Coincidência, uma coincidência bem-vinda, porque acho que as relações devem ser equilibradas. O Brasil precisa de espaço a nível global. Por isso é positivo desenvolver relações, ao mesmo tempo com a Alca e União Européia.

Estado - O Brasil e o Mercosul esperam um passo importante da Europa e particularmente da França para promover essas relações mais equilibradas?

FHC - Sem dúvida. Agora com o problema da vaca louca na Europa é o momento de discutirmos a política agrícola europeia. Esse é um problema interno europeu que nos afeta porque o nível de subsídio dos produtos agropecuários europeus é muito alto e chegou a um ponto que o próprio continente europeu está se indagando: é correto pagar tudo isso? Eu acho que é preciso dar esse passo. Acho que neste momento é difícil. Nós sempre entendemos que era preciso ter paciência. Mas não somos nós que estamos perdendo a paciência, mas os outros parceiros da França. O problema agora é muito mais interno da Europa do que do Mercosul com a UE e a França.

Estado - O senhor teve um primeiro encontro com o presidente George W. Bush. Que perfil traçaria dele? Próximo do pai ou muito diferente?

FHC - Eu conheci melhor o pai, estive mais vezes com ele. Eu diria que o Bush jovem é mais impetuoso, mas ambos são cordiais. Quando conheci o Bush pai ele já era um ex-presidente amadurecido, como vinho que fica muito tempo num barril. Talvez tivesse uma capacidade mais ampla de entender as coisas. O contato da semana passada foi muito cor-

dial e informal. Pude falar com franqueza, um aspecto que gostei e me senti muito à vontade na conversa.

Estado - O senhor acha que será uma seqüência da administração de Bush, o pai?

FHC - O mundo mudou de lá para cá. Hoje a supremacia americana é tanta que transforma o presidente dos Estados Unidos num homem praticamente responsável por tudo, mais ainda do que na época em que o pai foi presidente. Isso vai requerer uma agilidade muito grande do governo americano. Por exemplo: o que fazer com a África? Deixar que fique à margem da globalização? E a Alca? O que faremos com as regiões mais pobres do continente? Construiremos uma integração mais excludente? Essas são questões que requerem sensibilidade social muito grande.

Estado - A antecipação dos acordos com a Alca prejudicaria as negociações com a UE?

FHC - Não. Talvez até precipitasse, fazendo com que a UE se posicionasse melhor. O problema da data não é importante. Como disse ao presidente George W. Bush: se o acordo é bom, faz-se logo. O Brasil tem um compromisso firmado para 2005 e nas relações entre Estados sempre mantemos relações corretas. Esse é o nosso compromisso. Não podemos dizer que vamos antecipar e não ter condições para firmar os acordos necessários. Acreditamos que não dá tempo para um acordo se acelerarmos. Não se trata de uma manobra para criar obstáculos.

Estado - A crise Argentina seria um desses obstáculos para evitar uma negociação imediata?

FHC - A Argentina, mesmo saindo das dificuldades, ainda se encontra numa situação difícil. Ela é um parceiro muito importante nessas negociações. Ora, houve a reiteração de que o

'NÃO ESTAMOS PERDENDO A PACIÊNCIA, MAS SIM OS PARCEIROS DA FRANÇA'

Mercosul deve estar unido nesta questão da Alca. O próprio ministro Cavallo, da Argentina, declarou em Quebec, que a negociação será feita em total coincidência de pontos de vista do Mercosul. O ministro Malan transmitiu-me essa informação ontem, do Canadá.

Estado - O Brasil só admite uma antecipação da data de 2005 para 2003, caso o governo dos Estados Unidos obtenha o "fast-track" junto ao Congresso?

FHC - Essa é uma condição indispensável. Os norte-americanos mudaram o título. Agora não é mais "fast-track", chama-se "autoridade para promoção comercial". Para nós o importante foi o que se decidiu em Belo Horizonte, "um pacote só". Não adiante discutir apenas a mudança da lei de propriedade intelectual e não se discutir o antidumping. Tudo que é relevante deve se discutir ao mesmo tempo: acesso ao mercado dos nossos produtos. 70% dos produtos que exportamos para os Estados Unidos pagam taxa extra. A tarifa interna americana é baixa, mas os nossos produtos são sobretaxados. São assuntos de muita profundidade, que envolvem interesses constituídos lá e cá. Nossas reivindicações em relação à Alca são mais ou menos as mesmas das que fazemos junto a UE. Em alguns casos, Mercosul e Estados Unidos podem até se unir. Em matéria agrícola temos muito mais coincidências do que diferenças. Acredito que possamos chegar a um acordo, mas é preciso que ele seja global.